

Título original do artigo: *What Shall I Do to Inherit Eternal Life?*

Autor: Ellen G. White

Publicado em: 21 de julho de 1890 no *Signs of the Times*

Tradução: biblioteca1888.org

Artigo original (inglês): <https://m.egwwritings.org/en/book/820.10165#10165>

Áudio do artigo em português: https://youtu.be/30ZvV_IIdnA?si=niOcIybGBT41-q87

“O QUE DEVO FAZER PARA HERDAR A VIDA ETERNA?” (PARTE 3)

O homem tende a esquecer-se de Deus, mesmo quando afirma ser seu servo. Quando Jesus se levantou na sinagoga de Nazaré, anunciando-se como o Messias, as pessoas pensaram que o amavam. Elas se alegraram ao ouvir as novas que ele lhes trouxe, enquanto lia as palavras do profeta Isaías a respeito dele, dizendo: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e pôr em liberdade os presos, a proclamar o ano aceitável do Senhor”. A luz divina brilhou sobre suas mentes obscurecidas e seus corações foram tocados pela adoração. Mas quando Cristo lhes mostrou que eles não eram mais favorecidos pelo céu do que os gentios, que tinham tido menos luz e menos privilégios, mas que tinham andado em toda a luz que tinham e aproveitado todas as oportunidades que lhes foram dadas, eles o arrastaram para fora da sinagoga e procuraram atirá-lo do alto do monte.

As multidões que tinham sido alimentadas por Cristo no deserto imaginavam que amavam Jesus; mas quando ele as repreendeu, acusando-as de se importarem mais com o pão que perece do que com o pão da vida, elas ficaram iradas e muitas se afastaram dele. O jovem rico veio a Jesus, chamando-o de mestre. Ele tinha ouvido suas palavras maravilhosas, tinha visto suas obras maravilhosas; mas quando Cristo lhe mostrou que ele amava mais suas riquezas do que seu próximo, ele se afastou triste, apegando-se aos seus ídolos. Simão pensava que amava Jesus, mas quando descobriu que uma mulher pobre, triste e arrependida era mais estimada do que ele, a superficialidade de seu amor foi comprovada.

Muitos verão belas características em Cristo e as admirarão; mas aquele amor que abraça todo o Seu caráter jamais habitará em um coração cheio de justiça própria, jamais habitará em um coração que não reconhece nem abomina a própria pecaminosidade. Não odiarmos a nós mesmos em nosso pecado é não amar a Jesus. Não enxergarmos nossa própria deformidade é não enxergarmos a beleza de Cristo; pois é quando o coração é plenamente despertado para sua própria condição de degradação que Jesus passa a ser verdadeiramente apreciado. Quanto mais humildes forem nossas opiniões acerca de nós mesmos, tanto mais

exaltadas serão nossas opiniões acerca de Cristo, e tanto mais claramente discerniremos o caráter santo e imaculado de nosso Redentor.

Há muitos que dizem: “Somos santos, somos sem pecado”. Com suas palavras, dão a impressão de que se consideram tão bons quanto Jesus, e alguns até ousaram afirmar que eram o próprio Cristo; mas até mesmo nutrir tais pensamentos é uma blasfêmia. Não ver o nítido contraste entre nós e Jesus é não nos conhecermos e ignorarmos o nosso Senhor.

Jesus morreu para salvar o seu povo dos seus pecados, e a redenção em Cristo significa cessar a transgressão da lei de Deus e estar livre de todo pecado; nenhum coração que se agita com inimizade contra a lei de Deus está em harmonia com Cristo, que sofreu no Calvário para vindicar e exaltar a lei perante o universo.

Aqueles que fazem suposições ousadas de santidade demonstram, nisto, que não se veem à luz da lei; não são espiritualmente iluminados e não abominam toda espécie de egoísmo e orgulho. De seus lábios manchados pelo pecado saem declarações contraditórias: “Sou santo, sou sem pecado. Jesus me ensina que, se eu guardar a lei, estarei em desgraça. A lei é um jugo de escravidão.” O Senhor diz: “Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas.” Devemos estudar a palavra de Deus cuidadosamente, para que possamos tomar decisões corretas e agir de acordo; pois então obedeceremos à palavra e estaremos em harmonia com a santa lei de Deus.

Embora devamos estar em harmonia com a lei de Deus, não somos salvos pelas obras da lei, mas não podemos ser salvos sem obediência. A lei é o padrão pelo qual o caráter é medido. Mas não podemos guardar os mandamentos de Deus sem a graça regeneradora de Cristo. Somente Jesus pode nos purificar de todo pecado. Ele não nos salva pela lei, nem nos salvará na desobediência à lei.

Nosso amor por Cristo será proporcional à profundidade de nossa convicção de pecado, e pela lei vem o conhecimento do pecado. Mas, ao nos vermos, voltemos nosso olhar para Jesus, que se entregou por nós para nos redimir de toda iniquidade. Pela fé, apropriemo-nos dos méritos de Cristo, e o sangue purificador da alma será aplicado. Quanto mais claramente enxergarmos os males e perigos aos quais fomos expostos, mais gratos seremos pela libertação por meio de Cristo. O evangelho de Cristo não dá licença aos homens para quebrar a lei; pois foi por meio da transgressão que as comportas da desgraça foram abertas sobre o nosso mundo. Hoje, o pecado é a mesma coisa maligna que era na época de Adão. O evangelho não promete o favor de Deus a ninguém que, em impenitência, quebra a sua lei. A

depravação do coração humano, a culpa da transgressão, a ruína do pecado, tudo isso é esclarecido pela cruz, onde Cristo preparou para nós um caminho de escape.

A justiça própria é o perigo desta era; ela separa a alma de Cristo. Aqueles que confiam na sua própria justiça não conseguem entender como a salvação vem por meio de Cristo. Chamam o pecado de justiça e a justiça de pecado. Não têm noção da maldade da transgressão, nem compreensão do terror da lei; pois não respeitam o padrão moral de Deus. A razão pela qual há tantas conversões espúrias nestes dias é que há uma baixíssima apreciação da lei de Deus. Em vez do padrão de justiça de Deus, os homens ergueram um padrão próprio pelo qual medem o caráter. Eles enxergam através de um vidro obscuro e apresentam ideias falsas de santificação ao povo, incentivando assim o egoísmo, o orgulho e a justiça própria. A doutrina da santificação defendida por muitos está repleta de engano, pois lisonjeia o coração natural; mas a coisa mais bondosa que se pode pregar ao pecador é a verdade das exigências obrigatórias da lei de Deus. Fé e obras devem andar de mãos dadas; pois a fé sem obras é morta, por si só. O profeta declara uma verdade pela qual podemos testar toda doutrina. Ele diz: “À lei e ao testemunho, se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles”. Embora o erro abunde no mundo, não há razão para que os homens permaneçam no engano. A verdade é clara e, quando contrastada com o erro, seu caráter pode ser discernido.

Todos os que são agraciados com a graça de Deus podem compreender o que lhes é exigido. Pela fé, podemos conformar nossas vidas ao padrão da justiça, porque podemos apropriar-nos da justiça de Cristo. Na palavra de Deus, o buscador sincero da verdade encontrará a regra para a genuína santificação. O apóstolo diz: “Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito... Porque o que a lei era incapaz de fazer, por estar enfraquecida pela carne, Deus, enviando seu próprio Filho em semelhança da carne pecaminosa, como oferta pelo pecado, condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não se sujeita à lei de Deus, nem mesmo pode se sujeitar. De modo que os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós.”